

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE MANIFESTAÇÕES DA AGRESSIVIDADE INFANTIL¹

Brenda Luanna Fernandes Cortês Dantas²

João Carlos Alchieri³

RESUMO

Este artigo propõe-se a apresentar a produção da área acerca da avaliação psicológica de manifestações da agressividade infantil. Nota-se, atualmente, uma crescente preocupação dos investigadores do comportamento humano por compreender o desenvolvimento e a evolução deste comportamento agressivo. Segundo Velázquez, Cabrera, Chainé, Caso-López e Torres (2002), tal interesse surge a partir do aumento da incidência da conduta agressiva em crianças e adolescentes. Santos (2006) aponta estudos mostrando que parte da clientela que procura os serviços de saúde mental é composta por crianças e adolescentes, a maioria do sexo masculino, sendo a queixa de maior incidência o mau desempenho acadêmico, seguido de comportamento agressivo e desobediência em casa e na escola, e que a busca de atendimento, muitas vezes, coincide com a entrada na escola e, conseqüente, aumento de exigências quanto à produção, comportamento e sociabilidade da criança. Dessa forma, buscou-se os principais instrumentos disponíveis aos psicólogos que pudessem destinar-se à avaliação de características, traços e ou comportamentos agressivos em crianças. Foi realizado levantamento abrangendo publicações nacionais e internacionais, referentes a publicações compreendidas no período de 2000 a 2011, indexadas nas bases de dados Scielo, Medline, Psycinfo e Capes. Evidenciaram-se escassas publicações compreendidas especialmente no período dos dois últimos anos além de um número significativo de publicações nacionais concernentes ao tema em questão.

Palavras-chave: agressividade infantil, levantamento, instrumentos

PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT OF CHILDREN ACTS OF AGGRESSION

¹Artigo formatado conforme normas da APA, 5ª ed.

²Pós-graduanda em Avaliação Psicológica.

E-mail: brenda.luanna@yahoo.com.br

³Professor adjunto do departamento de Psicologia da UFRN.

E-mail: jcalchieri@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to present the production in the area about the manifestations of the psychological assessment of child aggression. Note is currently a growing concern for researchers of human behavior by understanding the development and evolution of aggressive behavior. According to Velazquez, Cabrera, chain, case and Torres-Lopez (2002), this interest arises from the increasing incidence of aggressive behavior in children and adolescents. Santos (2006) points to studies showing that part of the clientele seeking mental health services is made up of children and adolescents, mostly males, with a higher incidence of abuse to poor academic performance, followed by aggressive behavior and disobedience at home and school, and that the search service, often coincides with school entry and, consequently, increased demands for production, behavior and sociability of the child. Thus, we sought the main tools available to psychologists who could devote to the evaluation of characteristics or traits and aggressive behavior in children. Survey was conducted covering national and international publications relating to publications ranging from 2000 to 2011, indexed in

the databases SciELO, MEDLINE, PsycINFO and Capes. The following were few publications included especially during the last two years and a significant number of national publications concerning the issue at hand.

Keywords: child aggression, survey instruments

INTRODUÇÃO

Atualmente há notável incremento de estudos sobre as queixas referentes ao que é comumente compreendido como manifestações de agressividade infantil. Seja por fatores externos, como exposição a conteúdos veiculados pela mídia, situações decorrentes do próprio convívio em âmbito familiar e vínculos mais próximos, ou até mesmo de elementos constitutivos da própria personalidade ao longo de seu desenvolvimento, encontra-se registro de uma percepção da expressão de comportamento agressivo por parte das crianças. Expostas cada vez mais cedo a situações de violência, estas demonstram também em idade cada vez menor, atitudes permeadas por condutas tidas como agressivas, seja verbal ou fisicamente não somente relativas às características de relacionamentos interpessoais domésticas, mas associadas também.

Nota-se também uma crescente preocupação dos investigadores do comportamento humano por compreender o desenvolvimento e a evolução deste comportamento agressivo. Segundo Velázquez, Cabrera, Chainé, Caso-López e Torres (2002), tal interesse surge a partir do aumento da incidência da conduta agressiva em crianças e adolescentes. Preocupação semelhante também se encontra nos pais daquelas que apresentam algum tipo de comportamento considerado “anormal”. Percebe-se inquietação por parte dos responsáveis, tanto no ambiente familiar quanto no contexto escolar, por muitas vezes não conseguirem lidar, da maneira que gostariam, com esta agressividade manifestada pelas crianças. Por vezes parecem eximir-se de responsabilidades, com discursos do tipo “não sei mais o que fazer com essa criança, dê

um jeito nele”, demonstrando também dificuldades em impor limites e regras, o que pode vir a ser fator responsável ou disparador de tais comportamentos.

Em decorrência disto, torna-se freqüente a busca por atendimentos psicológicos para este público, transferindo para os profissionais da área atribuições que não competem a estes. Espera-se que a criança não mais apresente os comportamentos desadaptativos tidos como queixa a partir do momento que estejam em atendimento, diminuindo ou omitindo-se assim a família e a escola de seus papéis de referência e apoio, deixando-a com seu “problema” a cargo do psicólogo.

Santos (2006) aponta estudos mostrando que parte da clientela que procura os serviços de saúde mental é composta por crianças e adolescentes, a maioria do sexo masculino, sendo a queixa de maior incidência o mau desempenho acadêmico, seguido de comportamento agressivo e desobediência em casa e na escola, e que a busca de atendimento, muitas vezes, coincide com a entrada na escola e, conseqüente, aumento de exigências quanto à produção, comportamento e sociabilidade da criança.

Como objeto de definição, a agressividade denota dificuldades, uma vez que os psicólogos nem sempre estão de acordo a respeito do sentido a ser empregado a tal termo. Uma criança pode apresentar diferentes comportamentos, de acordo com o lugar em que se encontra, com quem se relaciona e como é capaz de atender às diferentes demandas do ambiente (Stivanin, Scheuer e Assumpção, 2008).

Por tratar-se de demanda evidente e presente atualmente, faz-se necessário estudos sobre a temática em questão e que sejam realizados levantamentos acerca de instrumentos que possam melhor aferir o “item” agressividade. Embora a mesma possa ser trabalhada e explorada em ambiente doméstico e escolar, através de diálogos e

atitudes de minimização, em muitos casos busca-se auxílio na figura do psicólogo, muitas vezes esperando deste uma solução mágica, rápida e eficaz.

Ao realizar-se um atendimento infantil, além do contato com os pais, da anamnese e da utilização de recursos lúdicos, é importante averiguar, por meio de instrumentos de avaliação psicológica, as manifestações de agressividade, servindo assim os testes e técnicas como um componente a mais na elaboração de uma casuística mais precisa, para melhor embasamento e mensuração dos dados. Segundo apontado por Sisto e Oliveira (2007) estudos sobre instrumentos psicológicos são essenciais para o desenvolvimento da área de avaliação psicológica, tendo em vista a exigência de que as avaliações sejam mais confiáveis e precisas em todos os contextos de atuação profissional.

Assim, torna-se imprescindível um levantamento a respeito de quais tipos de instrumentos, dentre aqueles regulamentados pelo Conselho Federal de Psicologia, se tem indicação à avaliação de características/componentes comportamentais e/ou estruturais, na definição e verificação da agressividade infantil. Com isto, pretende-se apresentar alguns constructos e definições operacionais sobre agressividade presentes em instrumentos de avaliação psicológica que podem ser úteis na verificação de possíveis sinais de agressividade na infância, com a finalidade de promover melhorias na formulação de diagnósticos, prognósticos e possíveis intervenções necessárias. Além disso, visa um maior contato e conhecimento de instrumentos que possam ser utilizados em um psicodiagnóstico infantil, especificamente no que tange à queixas relacionadas à agressividade; proporcionar maior subsídio à investigação de traços de agressividade infantil; e propiciar incentivo ao estudo e levantamento de outros instrumentos e de formas de investigar a agressividade infantil.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AGRESSIVIDADE

Estudiosos reservam essa palavra para as atividades de caráter hostil, destrutivo, enquanto outros a aplicam a todas as tendências ativas voltadas para o mundo exterior, à afirmação de si, possessivas e construtivas (Sisto e Oliveira, 2007). Rueda e Sisto (2008) comentam que alguns autores como Wundt, James, Mc Dougall mantiveram posição instintivista ao considerarem a agressividade como um instinto estritamente ligado à nutrição e à sobrevivência (Sisto e Oliveira, 2007). O que pode ser identificado de comum nesses comportamentos tidos como agressivos é a intenção de causar prejuízo ao outro, unida à expectativa de que tal objetivo será atingido.

Para Sisto e Oliveira (2007), as ações agressivas infantis são comportamentos evidentes no cotidiano escolar e, ao lado disso, os relatos dos professores testemunham que a agressividade é uma das dificuldades fundamentais para o trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos à falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade, depredações, furtos ou roubos em relação à escola, agressões físicas e verbais entre alunos e agressões de alunos contra professores. No que diz respeito à definição dos comportamentos que são considerados agressivos, verifica-se uma variação que passa do ataque físico a formas mais veladas, como a maledicência. O que pode ser identificado de comum nesses comportamentos é a intenção de causar prejuízo ao outro, unida à expectativa de que tal objetivo será atingido.

Já Koppitz (1976), citado por Damiani e Santos (2004), considera a manifestação da agressividade um problema emocional, visto que altera o funcionamento pessoal, familiar e social do sujeito. Mais especificamente falando, os problemas emocionais podem ser classificados em internos e externos, estando os primeiros relacionados a manifestações de ansiedade, timidez, retraimento, e os últimos a condutas de indisciplina

e agressividade, por exemplo. Em contrapartida, Baker, Raine, Liu, and Jacobson (2008), apresentaram a classificação da agressão em reativa, isto é, aquela relacionada à impulsividade e afetividade, e proativa, ou seja, a que é planeada, instrumental. Segundo esses autores, acerca da agressão proativa (instrumental) a teoria social argumenta que o comportamento agressivo é uma resposta aprendida que é reforçada por suas conseqüências positivas e, significativamente influenciada pelos processos familiares coercitivos.

Boes, Tranel e Anderson (2008), por sua vez, apontam que há teorias que sugerem que os sistemas neurais subjacentes a processos emocionais podem desempenhar um papel crítico no desenvolvimento de comportamentos pró-social, e os déficits no processamento de emoções pode contribuir para o comportamento antissocial. Tais teorias estão de acordo com três tipos principais de achados. O primeiro deles é o de que déficits de emoção são freqüentemente encontrados em associação com o comportamento antissocial patológico; verificou-se ainda que dano circunscrito a regiões de processamento de emoção do cérebro, por vezes, leva a um comportamento antissocial, e que estudos de imagem funcional têm detectado atividade anormal em regiões de processamento de emoção do cérebro, em associação com o comportamento antissocial patológico. Nesse sentido, duas regiões têm sido implicadas no comportamento social, sendo estas o córtex cingulado anterior (ACC) e o córtex pré-frontal ventromedial (CVM).

Autores como Pesce et al (2009) acreditam que problemas de comportamento são considerados comportamentos socialmente inadequados, representando déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com os pares e adultos de sua convivência. É certo que crianças com comportamento agressivo e transgressor estão denunciando alguma coisa, quer seja maus-tratos, solidão ou outra dor.

Neste sentido Joly, Dias e Marini (2009), comentam que os anos iniciais da vida de uma criança são de fundamental importância para o desenvolvimento de sua personalidade, relações sociais e adaptação social e psicológica durante o ciclo vital. Nas interações que as crianças estabelecem entre si, comportamentos positivos e negativos, como, por exemplo, agressão e altruísmo, podem se apresentar. Geralmente crianças de 2 e 3 anos de idade, quando se sentem tristes ou frustradas, apresentam comportamentos agressivos, como atirar objetos ou machucar-se.

Bee (1997) e Lisboa & Koller (2001) referidos em Joly, Dias e Marini (2009), acreditam que na medida em que as crianças aperfeiçoam as habilidades verbais, algumas expressões são modificadas, e as agressões físicas vão cedendo lugar a um maior uso da agressão verbal, o que ocorre na meninice intermediária, que vai até os 12 anos de idade. McElwain & Volling (2002), citados por Stivanin, Scheuer e Assumpção (2008), consideram que ao adquirir a capacidade para expressar opiniões, sentimentos, argumentar e entender crenças, idéias e desejos das outras pessoas, as crianças têm condições de criar soluções para resolver os problemas interpessoais, não necessitando criar conflitos e agressões físicas na tentativa de transmitir suas necessidades. Maia, Zamora, Vilhena e Bittencourt (2007), consideram o comportamento antissocial como um modo de operar em um ambiente que não está sendo suficientemente bom para a criança, ou seja, o comportamento antissocial pode ser visto como uma estratégia de sobrevivência possível da criança em um ambiente com privações.

Ainda Joly, Dias e Marini, (2009), entendem que o comportamento agressivo expressa as dificuldades de interação e adaptação das crianças e adolescentes por meio de seus comportamentos. As crianças que apresentam condutas agressivas sabem que seus comportamentos são inadequados, porém têm dificuldades em considerar respostas não-agressivas para a resolução de seus problemas, como se as soluções possíveis se

limitassem em luta ou fuga, sem alternativas entre os dois extremos. Com isso, pode-se dizer que elas foram limitadas em sua capacidade de gerar respostas alternativas e mais propensas a antecipar resultados positivos de atos agressivos (Gardner, Powell e Grantham-McGregor, 2007).

Segundo Bee (1997), Gomide (2000), Chaves, Kelder e Orpinas (2002), dentre outros pesquisadores, citados em Joly, Dias e Marini, (2009) deve ser dada atenção à influência de determinadas condições ambientais que propiciam ou não o desenvolvimento do comportamento agressivo. A privação de alimento ou espaço físico, a retirada do afeto, dos cuidados parentais, a dor física ou psicológica, exposição frequente e/ou por longos períodos à agressividade, por meio de filmes e jogos interativos (videogame e de computador), são alguns exemplos que podem ser determinantes potenciais de altos índices de agressividade. Nesse sentido, o modelo de comportamento que os pais apresentam tem grande influência sobre o desenvolvimento da agressão na criança. A brutalidade na relação entre os pais e seus filhos, ensina às crianças, por meio da observação, o que fazer, assim, concluem que bater é apropriado e poderoso. A rejeição parental, a negligência, a disciplina rígida e a crueldade contra outros da família também estão ligadas à agressividade dos filhos (Joly, Dias e Marini, 2009).

Para Gardner, Powell e Grantham-McGregor (2007) muitos familiares foram identificados como sendo fatores de risco para a agressão na infância em países desenvolvidos. As características da relação entre o cuidador primário e a criança, a falta de carinho e atenção, atitude permissiva em relação a agressão, fracasso dos pais para expor o orgulho ou a afeição para a criança, a punição física, a presença de conflitos familiares têm sido implicados na promoção do comportamento agressivo. Associações entre problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar têm sido verificadas,

incluindo-se com destaque os relacionamentos permeados pela violência. A quantidade e/ou qualidade de eventos de vida negativos provenientes da família vêm sendo apontadas como particularmente prejudiciais ao desenvolvimento da criança e fator condicionante para problemas de comportamento na infância.

Em Pesce (2009) encontra-se dados que apontam para práticas parentais inadequadas, caracterizadas por disciplina ineficiente, negligência, ausência de atenção e afeto, disciplina relaxada, punição inconsistente, como prejudiciais ao desenvolvimento infantil, podendo desencadear comportamentos agressivos. mostram que a família exerce uma importante influência na aquisição de modelos agressivos pelas crianças. Pais que utilizam punição, seja verbal, psicológica ou física, estão mostrando a seus filhos que a violência é uma forma apropriada de resolução de conflitos e de relacionamento entre homens e mulheres (Pesce, 2009).

De acordo com Sisto e Oliveira (2007), estudos apontam que crianças expostas a interações agressivas com suas mães e entre seus pais tendem a ser agressivas. Entretanto, alguns autores discutem que o estilo de punição, ou mesmo de relação familiar, não pode ser considerado determinístico, pois crianças de famílias problemáticas aprenderam a compensar as circunstâncias familiares adversas. Andreas e Watson (2009) compartilham de idéias semelhantes a essas, acreditando que o papel da família e de apoio funcional fazem a diferença em crianças com diferentes riscos, que as predis põem para comportamentos externalizantes, como agressividade e delinquência.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE MANIFESTAÇÕES DA AGRESSIVIDADE INFANTIL

Com o intuito de pesquisar instrumentos, técnicas testes que possam servir a um psicodiagnóstico de agressividade infantil, faz-se necessário uma revisão bibliográfica

acerca do tema em pauta. Para tanto, realizam-se pesquisas literárias nos mais diversos campos. A priori, faz-se levantamento sobre os materiais publicados sobre a temática em livros da área da Psicologia.

Tomando como base as idéias acima, e considerando que o comportamento agressivo é susceptível de ser heterogêneo e influenciado pelo contexto da avaliação, sendo importante que se adotem medidas multivariadas que diferenciem os tipos e níveis de comportamento agressivo (Baker, Raine, Liu, and Jacobson, 2008) o objetivo do presente trabalho é apresentar alguns constructos e definições operacionais sobre agressividade presentes em instrumentos de avaliação psicológica que podem ser úteis na verificação de possíveis sinais de agressividade na infância, com a finalidade de promover melhorias na formulação de diagnósticos, prognósticos e possíveis intervenções necessárias para cada caso. Para isso, foi realizado um levantamento nas bases de dados bibliográficas (SciELO, BVS), e em manuais dos instrumentos utilizados e referidos na literatura especializada.

Existem vários instrumentos que podem avaliar características comportamentais, e, assim, serem úteis na verificação da agressividade infantil. Segundo Duarte e Bordin (2000), estes que se prestam à avaliação de crianças têm suas particularidades em relação aos que se prestam à avaliação de adultos. Tendo isto em vista, por exemplo, não se deve desconsiderar o fato de que a criança está em desenvolvimento, com diferentes características variando com a faixa etária. Desta forma, estes devem apresentar versões específicas para os diferentes níveis de idade a ser contemplados.

Pode-se destacar a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens, encontrados em Rueda e Sisto (2008) que se propõe a disponibilizar três tipos de medida, através de três escalas, referentes à agressividade no âmbito escolar, no âmbito familiar e outra referente a agressividade geral, que seria uma soma das outras duas subescalas. O

instrumento é composto de 16 alternativas, das quais 8 fazem menção ao âmbito escolar e 8 ao familiar, e nelas os participantes deverão dar respostas afirmativas ou negativas às sentenças enunciadas. As respostas afirmativas contabiliza-se um ponto e a respostas negativas não se atribui ponto algum. Obtém-se assim pontuação para as escalas de agressividade escolar e familiar, somando-se as duas para a pontuação da agressividade geral.

Outra escala, desenvolvida em 1999, pelos espanhóis Sánchez y Escribano, chamada Escala de Percepção do Autoconceito Infantil (PAI), citados por Gonçalves e Murta (2008), objetiva desenvolver uma avaliação do auto-conceito de crianças numa faixa etária entre 3 e 10 anos, havendo uma forma masculina e outra feminina. A aplicação pode ser coletiva ou individual, e o instrumento consta de 34 itens com figuras, nas quais meninos ou meninas estão desempenhando uma ação que pode ser compreendida como uma representação de um ato-conceito positivo ou negativo. O instrumento perpassa por dez dimensões características do auto-conceito nesta faixa etária: autonomia e independência; segurança, confiança em si mesmo na realização de tarefas; esportes e competitividade; relação com a família; ambiente escolar; relacionamento social; sentimentos (como se sente na maior parte do tempo); auto-valorização; aparência física; e sentimento de posse. Embora não trabalhe direta e especificamente com agressividade é possível verificar alguns aspectos relacionados a este quesito, bem como avaliá-la indiretamente.

De acordo com Duarte e Bordin (2000), estudos apontam que a melhor forma de investigação de comportamentos infantis baseia-se não só na observação direta das manifestações comportamentais infantis, mas também neste aspecto aliado à informações obtidas a partir do relato de familiares e cuidadores em contato com a criança. Neste sentido, há o Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência (CBCL)

desenvolvido em 1991, por Achenbach, também citado por Gonçalves e Murta (2008) que se configura como um questionário que descreve e avalia as competências sociais e os problemas comportamentais da criança e adolescente, em uma faixa etária compreendida entre 4 e 18 anos, através da percepção de pais e cuidadores. No inventário, em relação a problemas comportamentais, a partir de 118 itens, podem ser identificados, agrupados em oito escalas-síndromes: queixas somáticas, isolamento, ansiedade/depressão, problemas de pensamento, problemas sociais, problemas de atenção, comportamento delinquente e comportamento agressivo. Os escores são divididos em Distúrbios internalizantes e externalizantes, de acordo com o agrupamento das escalas.

No estudo de Capitão e Cardoso (2008), encontra-se o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, com faixa etária a partir de 7 anos; é composto por três cartões, cada um com o desenho do esquema de uma pirâmide, além de quadrados coloridos formados por 10 cores subdivididas em 24 tonalidades, devendo haver no mínimo 40 a 45 quadrados de cada tonalidade. No teste se propõe a execução de três pirâmides coloridas, uma de cada vez, até que fiquem bonitas de acordo com o gosto do participante. Ao finalizar as 3 pirâmides executa-se um pequeno inquérito, acerca da preferência das pirâmides executadas e das cores em geral. Pfister, em suas investigações, concluiu que há um valor sintomático associado às cores bem como relações com estados ou reações emocionais correspondentes. Algumas considerações também foram feitas em torno dos valores de posição, sobre modo de colocação, sobre os aspectos formais das configurações assumidas pelas cores em sua disposição na estrutura das pirâmides. No que se refere à forma, esta se constitui em um meio de despertar ou excitar emoções que logo procuram saídas ou liberação; nesse sentido, o teste procura favorecer as reações ou respostas em termos de expressão externa ou de projeção. De acordo com o que se

propõe ao examinado, a execução de 3 pirâmides, supõe-se que o indivíduo ao executar o teste, exponha na primeira pirâmide um aspecto mais externo de sua personalidade, tal como se apresenta ou se mostra em relação ao mundo exterior. A segunda estaria ligada a uma camada intermediária, e, portanto, corresponderia a uma parte mais ou menos acessível ao indivíduo e cujo controle, por parte dele, seria parcial. Já a terceira corresponderia à parte mais profunda da personalidade. De um modo geral, à primeira corresponderiam características da personalidade que poderiam estar de alguma forma sob o controle do indivíduo, por serem conscientes; à segunda, ligada ao pré-consciente, corresponderia aos aspectos da personalidade cujo controle não estaria bastante ao alcance do indivíduo, mas que de um aumento para outro poderia tornar-se consciente; a terceira estaria fora do controle e do alcance do indivíduo e corresponderia ao inconsciente.

Por sua vez, autores como Junior, Santos e Tardivo (2005) citam o teste das Fábulas de Duss, a ser utilizado como indicativo de aferência da agressividade infantil. Configura-se como uma técnica projetiva, interpretada baseando-se em referencial psicodinâmico, sendo uma medida de ordem qualitativa, que facilita o aparecimento de materiais imersos no inconsciente. O instrumento configura-se de 10 histórias pequenas, incompletas, as quais os sujeitos devem completar. Consta ainda de 12 lâminas, com ilustrações correspondentes a cada uma das fábulas, que devem ser apresentadas juntamente com as histórias.

Neste mesmo aspecto psicodinâmico, Fernandes e Sisto (2004) trazem o Teste de Apercepção Temática Infantil – CAT, dividido em duas formas: CAT- A e CAT- B, de modo que o primeiro envolve pranchas com figuras de animais, e o segundo refere-se a figuras humanas, de modo que a criança deve contar histórias referentes às figuras. É indicado para crianças numa faixa etária de 3 a 10 anos. De acordo com Montagn (1989),

citado em Fernandes e Sisto (2004), é um teste que tem por objetivo captar o mundo interno e vivencial da criança.

Ainda de acordo com Fernandes e Sisto (2004), pode-se citar o HTP, uma técnica que tem como foco elaborar um estudo da personalidade do sujeito, através da técnica gráfica. Nele, é solicitado que a pessoa faça três desenhos: uma casa, uma árvore e uma pessoa, nessa ordem, avaliando possíveis conflitos e nível de motivação subjetiva, uma vez que o desenho pode ser considerado como uma forma de expressão de conteúdos inconscientes. Sobre a casa, pode-se dizer que parece estimular uma mistura de associações conscientes e inconscientes referentes ao lar e às relações interpessoais íntimas. Seu desenho dá uma indicação da capacidade do indivíduo para agir sob estresse e tensões nos relacionamentos humanos íntimos e para analisar criticamente problemas criados pela situação do lar. A árvore, que parece estimular menos associações conscientes e mais associações subconscientes e inconscientes do que os outros dois desenhos é uma expressão gráfica da experiência de equilíbrio sentida pelo indivíduo e da visão de seus recursos de personalidade para obter satisfação no e do seu ambiente. A qualidade do desenho da árvore parece refletir uma capacidade do indivíduo para avaliar acriticamente suas relações com o ambiente. A pessoa desenhada estimula mais associações conscientes do que a casa ou a árvore, incluindo a expressão direta da imagem corporal. A qualidade do desenho reflete a capacidade do indivíduo para atuar em relacionamentos e para submeter o self e as relações interpessoais à avaliação crítica objetiva.

A Escala Feminina e Masculina de Autocontrole, citado por Rueda e Sisto (2008) é outro instrumento indicado para crianças numa faixa etária compreendida entre 7 e 14 anos, tem o intuito de avaliar o autocontrole, seja no que diz respeito a regras e normas sociais ou no que diz respeito a sentimentos e emoções. Há 30 questões na escala feminina e 31 na masculina, de modo que se pode extrair dele informações relacionadas

à agressividade, em questões como, por exemplo, “fico irritado quando não sei fazer alguma coisa” (autocontrole em relação sentimentos e emoções). Tal instrumento foi desenvolvido a partir de uma escala Likert de 3 pontos (sempre, às vezes e nunca), e as questões podem ser positivas ou negativas, correspondendo a alternativas de “sempre”, equivalente a 2 pontos, “às vezes”, equivalente a 1 ponto, e “nunca”, equivalente a zero pontos, no caso das positivas; e sempre” corresponde a zero pontos, “às vezes”, 1 ponto e “nunca”, 2 pontos, para as negativas.

A Escala de Traços de Personalidade para Crianças – ETPC (Sisto, 2003) consiste num questionário de 30 itens, destinados a avaliar 4 traços de personalidade: neuroticismo (7 itens), extroversão (10 itens), psicoticismo (11 itens) e sociabilidade (6 itens). Entretanto, dos 30 itens totais, alguns podem ser encontrados em mais de um dos traços avaliados. Pode ser utilizado em crianças numa faixa etária entre 5 e 10 anos, de modo que os itens devem ser respondidos com “sim” ou “não”. Cada “sim” equivale a 1 ponto e cada “não” zero ponto. O escore total é feito somando-se o escore de cada subescala. Nos itens 3 e 26 esta pontuação é feita de forma inversa, bem como no item 14 da extroversão e todos os itens do traço de sociabilidade.

Há também o Questionário de Capacidade e Dificuldades (Strengths and Difficulties Questionnaire, SDQ), destinado a pais e professores e que visa a verificação de problemas relacionados à saúde mental infantil. Constitui-se de 25 itens, separados em 5 subescalas: problemas no comportamento pró-social, hiperatividade, problemas emocionais, de conduta e de relacionamento, com cinco itens em cada sub-escala. As respostas podem ser dadas como verdadeiro, mais ou menos verdadeiro e falso. Com a soma de cada uma das subescalas e a soma total, pode-se classificar as crianças em 3 diferentes categorias: desenvolvimento normal (DN), limítrofe (DL) ou anormal (DA).

O Inventário de Habilidades Sociais para Crianças (IMHSC-Del-Prette), configura-se como um sistema de avaliação que inclui tanto a auto-avaliação como a avaliação pelo professor ou outro profissional relacionado à criança. Sua versão multimídia é composta por arquivos de vídeo, contendo 21 seqüências filmadas que retratam situações do cotidiano escolar de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries), em suas interações com outras crianças e com adultos. Cada situação cria, portanto, um contexto onde determinada habilidade social é requerida e, para cada uma delas, são apresentadas à criança três possibilidades de reações: uma habilidosa, uma não habilidosa ativa e uma não habilidosa passiva. A versão impressa apresenta imagens digitalizadas ilustrando cada situação e reação. Embora não esgote as possibilidades do repertório social da criança, as situações retratadas pelo IMHSC-Del-Prette permitem uma amostragem das habilidades em áreas do funcionamento sócio-afetivo (empatia e civilidade, expressão de sentimentos, comportamentos pró-sociais e cooperação, assertividade e autocontrole), que configuram a multidimensionalidade do conceito de habilidades sociais e, portanto, a sua validade de conteúdo.

No que diz respeito às habilidades sociais, há um crescente aumento no interesse de avaliação de seu desempenho, uma vez que, pesquisas indicam que pessoas socialmente competentes apresentam relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradoras, bem como também há indicativos de que estas possuem melhor saúde, tanto física quanto mental. Em contrapartida, os déficits e comprometimentos destas habilidades estariam associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais, a uma pior qualidade de vida, além de vários tipos de transtornos psicológicos. É importante destacar que a competência social é algo situacional, e que as habilidades sociais além de culturalmente determinadas são aprendidas nas relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância é considerada um período estratégico na vida de uma pessoa, e a agressividade é um fator participante no processo de crescimento do indivíduo, devendo ser um dos aspectos utilizados pelas crianças como forma de reagir frente ao mundo, entretanto não deve se tornar a forma preferencial para resolver as dificuldades e os problemas do cotidiano. As manifestações de agressividade podem surgir como uma reação de defesa direta e objetiva frente a uma ameaça, mas também podem se apresentar como uma intenção própria da pessoa conectada a uma expressão emocional. (Lovero, 2009).

A agressividade, então, pode ser observada com certa facilidade no comportamento dos indivíduos, através de seus atos agressivos; mas para compreender o motivo que desencadeia tal comportamento, é necessário avaliar a dinâmica da personalidade do indivíduo. Neste contexto avaliativo, o psicólogo dispõe, entre outras estratégias, de técnicas e testes, que se propõem a “explorar” o mundo interno do sujeito. Estes instrumentos podem, segundo Werlang, Fensterseifer e Lima (2008), ser utilizados na avaliação da personalidade e de outros elementos (relações interpessoais, dinâmica familiar) que se mostrem importantes para a compreensão do sujeito ou de uma situação vivenciada ou percebida por ele. (Lovero, 2009).

De acordo com Sisto e Oliveira (2007), estudos sobre instrumentos psicológicos são de extrema importância para o desenvolvimento da área de avaliação psicológica, tendo em vista a exigência de que as avaliações sejam mais confiáveis e precisas em todos os contextos de atuação profissional. É expressiva a preocupação de diversos autores no que diz respeito a estudos nessa direção, uma vez que qualquer instrumento de medida deve apresentar características que justifiquem a confiabilidade nos dados que produzem. Assim sendo, a demanda para investigação sobre testes psicológicos que

sejam adequados para sua utilização, de forma a medirem aquilo a que se propõem medir, ou seja, que apresentem validade para sua interpretação é bastante evidente.

No Brasil, é notável a escassez de instrumentos padronizados e atualizados na área de saúde mental infantil que tenham sido devidamente traduzidos, adaptados e testados em nossa realidade. Essa situação pode ser atribuída a muitos fatores (Duarte e Bordin, 2000). Além disso, é válido ressaltar que, em sua maior parte as publicações encontradas acerca de instrumentos de avaliação psicológica que possam se prestar à investigação de manifestações de agressividade infantil não explanam muito além da descrição dos mesmos, com poucos dados sobre possíveis limitações das avaliações por meio destes, bem como as principais dimensões comportamentais passíveis de ser avaliadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andreas, J. B. & Watson, M. W. (2009). Moderating effects of family environment on the association between children's aggressive beliefs and their aggression trajectories from childhood to adolescence. *Dev. Psychopathology*, 21(1), pp. 189-205.
- Assis, Simone Gonçalves de; Avanci, Joviana Quintes; Pesce, Renata Pires; Ximenes, Liana Furtado. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2009, vol.14, n.2, pp. 349-361.
- Baker, L. A.; Raine, A.; Liu, J; Jacobson, K. C. (2008). Differential Genetic and Environmental Influences on Reactive and Proactive Aggression in Children. *J Abnorm Child Psychology*, 36(8), pp. 1265-1278.
- Bartholomeu, D. ; Rueda, F.J.M. ; Santos, A.A.A. ; Sisto, F.F. ; Suehiro, A.C.B.(2008)

- Estudo preliminar para a construção de uma escala de agressividade para universitários. *Aletheia* 28, p.77-90.
- Boes, Aaron D.; Tranel, Daniel; Anderson, Steven W.; Nopoulos, Peg. Right anterior cingulate: A neuroanatomical correlate of aggression and defiance in boys. *Behavioral Neuroscience*, Vol 122(3), Jun 2008, 677-684.
- Capitão, C.G. & Cardoso, L.M. (2007) Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-USF*, v. 12, n. 2, p. 135-144.
- Damiani, P. & Santos, J. dos (2004). Respuestas características en el Test de las Fábulas de Düss y su poder para discriminar entre niños con y sin problemas emocionales. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, Vol. 5, nº.1, pp. 22-33.
- Duarte, Cristiane; Bordin, Isabel(2000). Instrumentos de avaliação. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. vol.22 São Paulo.
- Fernandes, D.C. & Sisto, F.F. (2004). Dificuldades lingüísticas na aquisição da escrita e agresividade. *Psicologia Escolar e Educacional*, Volume 8, Número 1 75-84.
- Gardner, J. M. M.; Powell, C. A.; McGregor, S. M. G. (2007). Determinants of Aggressive and Prosocial Behaviour Among Jamaican Schoolboys. *West Indian Med*, 56 (1): 34.
- Gonçalves, E. S. & Murta, S. G. (2008). Avaliação dos Efeitos de uma Modalidade de Treinamento de Habilidades Sociais para Crianças. disponível em www.scielo.br/prc.
- Joly, M. C. R. A.; Dias, A. S.; Marini; J. A. da S. (2009). Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. *Psico-USF*, v. 14, n. 1, p. 83-93.
- Junior, A.A.P; Santos, M.R. ; Tardivo (2005). Avaliação psicológica de crianças vítimas

de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Duss. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 6, nº 1, p. 59-66.

Maia, Maria Vitória Campos Mamede; Zamora, Maria Helena Rodrigues Navas;

Vilhena, Junia de; Bittencourt, Maria Inês (2007). "Crianças 'impossíveis' - quem as quer, quem se importa com elas?" *Psicologia em . estudo*. vol.12 no.2 Maringá.

Lovera, Renata de Rezende (2009). Agressividade no período da latência através do teste

dos contos de fadas. Porto Alegre [\[PDF\] de pucrs.br](#)

Santos, Patricia Leila (2006). Problemas de saúde mental de crianças e adolescentes atendidos em um serviço público de psicologia infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 315-321.

Sisto, F. F. & Oliveira, A. F. de. (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 8, nº 1, p. 89-99.

Stivanin, L.; Scheuer, C.I.; Assumpção JR; F. B. (2008). SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire): Identificação de Características Comportamentais de Crianças Leitoras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 24 n. 4, pp. 407-413.

Velázquez, Héctor Ayala; Cabrera Francisco Pedroza; Chainé, Silvia Morales; López, Alicia Chaparro Cas; Torres Noemí Barragan (2002). Factores de riesgo, factores protectores y generalizaciones Del compartimiento agresivo en una muestra de niños en edad escolar. *Salud Mental*, junio, año/vol 25.

